

Terminado o Templo, espaço sagrado onde se projeta o homem, é possível contar a sua história, velada no Livro sagrado, revelada na ficção.

Berta Waldman

* *
*

NIR, RAFAEL E FISCHLER, BEN-ZION-KILSHON *AMO* (Como é a língua do seu povo), *CHAIM RABIN JUBILLE VOLUME* Jerusalém Council on the Teaching of Hebrew, 1976.

A publicação deste livro de estudos de lingüística aplicada foi a forma que os colegas e discípulos do eminente Professor Chaim Rabin, da Universidade Hebraica de Jerusalém, escolheram para comemorar o seu sexagésimo aniversário. Os estudos incluídos nesta coletânea lhe são ofertados como homenagem pela sua atuação no desenvolvimento do ensino da língua hebraica em Israel e no exterior e como reconhecimento pela sua contribuição no campo da lingüística aplicada.

Esta resenha tem o objetivo de divulgar no nosso meio esses estudos da língua hebraica e desta forma, também homenagear o grande mestre, de quem tivemos o privilégio de receber ensinamentos, orientação e supervisão, nos dois estágios que realizamos na Universidade Hebraica de Jerusalém.

O livro contém quinze estudos de importantes lingüistas e professores de língua hebraica e, no final, uma relação das publicações do homenageado. Observa-se, em número de estudos, a influência da orientação do Prof. Rabin, através das muitas referências a suas obras dentre a bibliografia citada pelos autores.

Grande parte dos trabalhos apresentados nesta coletânea, estuda sob diferentes aspectos a problemática da tradução para e do hebraico. Iniciaremos a apresentação por estes estudos.

No estudo "*Problemas de tradução literária para o hebraico*" a autora Shoshana Blum analisa as diferentes correntes na abordagem da tradução. Segundo a autora, a história das traduções literárias para o hebraico tem sido regida, até recentemente, pelos padrões estilísticos estabelecidos pela prosa hebraica. Como resultado, tradutores tenderam a usar um estilo "alto" e formal ditado não pelas variações estilísticas da obra a ser traduzida, mas pela necessidade de "beleza", estabelecida para uma boa tradução. Recentemente, surgiu uma nova corrente, que rejeita as normas anteriores e reivindica "uma equivalência estilística completa" com a obra original.

A autora analisa e critica a tradução para o hebraico de "A perfect day for Bananafish" de Salinger e focaliza as dificuldades enfrentadas na tradução. Segundo Shoshana Blum as falhas são devidas a uma interpretação simplista do

tradutor no que se refere à equivalência estilística; o tradutor parece estar tão ansioso de permanecer fiel ao hebraico falado atualmente que ele negligencia algumas das funções literárias mais sutis da linguagem dos diálogos originais.

Segundo Merton Dagut em *“O “vazio” semântico como um problema de tradução do hebraico para o inglês”*, as palavras de uma dada língua constituem um tipo de “mapa” da experiência lingüística de seu interlocutor. As línguas diferem umas das outras em seu “mapeamento” léxico, não menos que em seus sistemas fonológico e sintático. Tais diferenças léxicas são, naturalmente, de interesse primordial dos tradutores.

Uma razão principal das diferenças interlinguais de “mapeamento” léxico, é que todos estes “mapas” têm “furos”, que diferem de língua para língua, de acordo com os diferentes traços de experiência selecionados como importantes pelas várias comunidades falantes da língua. Daí, o encontro freqüente que o tradutor tem com tais “vazios” semânticos. Este artigo tenta colocar uma tipologia de “vazios” ingleses frente a frente com os hebraicos, mostrando como os vários tipos diferem em termos de tradução.

Os quatro tipos de “vazios” identificados e analisados são: 1) de meio ambiente; 2) cultural; 3) léxico; 4) sintático. Destes, o primeiro e o segundo são mostrados como traduzíveis por explicação perifrástica, apesar de se prestar à transliteração como melhor solução, acompanhado por uma nota explicativa no final da página. Por contraste, o único meio usual de submeter o terceiro é perifrásticamente, por tradução dos componentes semânticos da palavra, que exige uma análise semântica precisa pelo tradutor. Finalmente, as dificuldades apresentadas pelo quarto são primariamente estilísticos; equivalentes ingleses ao nível sintático podem sempre ser encontrados.

‘Por uma estilística comparativa de inglês e hebraico’ de Edward A. Levenstson:

Segundo o autor, uma análise detalhada de traduções para o hebraico e inglês de prosa expositiva formal em inglês e hebraico sugere que, para cada língua, há “estruturas de discurso preferenciais” (ao termo é dada uma definição precisa), características deste registro escrito particular.

Eventualmente, uma estilística comparativa das duas línguas deverá tanto cobrir uma ampla gama de registros como descrevê-los independentemente, sem valer-se de tradução.

Mas, a análise da tradução fornece um discernimento útil para pesquisas posteriormente.

Três hipóteses são examinadas detalhadamente:

1) a língua inglesa prefere a anáfora gramatical enquanto que o hebraico prefere a repetição léxica. São dados exemplos desta característica.

2) o hebraico evita estruturas que requeiram interpretação semântica considerável; os escritores de prosa inglesa exigem mais de seus leitores.

3) o inglês tem mais sentenças “altamente pesadas” ou “periódicas” que o hebraico.

Finalmente, outras hipóteses dignas de investigação e métodos alternativos de pesquisas são sugeridos.

Em *“Tradução literária-breves notas metodológicas”*, René-Samuel Sirat apresenta os problemas metodológicos específicos da tradução literária para e do hebraico. Ela acentua e analisa a dificuldade adicional ocasionada pela coexistência no hebraico moderno de diferentes registros estilísticos neo-bíblico, neo-rabínico e neo-iluminista. Esta coexistência explica as quase insuperáveis dificuldades que o tradutor enfrenta ao ousar atacar um texto bíblico ou de poesia moderna.

Os demais estudos contidos neste livro tratam de diferentes temas, como: ensino de uma segunda língua, fonética, semântica e aspectos puramente gramaticais do hebraico moderno conforme seguem:

No artigo *“Sobre o Infinitivo e o “Nomen actionis” no hebraico bíblico e moderno”*, Mordechai Ben Asher trata da questão da existência ou não de uma diferença no uso do “infinitive absolute ou infinitive construct” e do “nomen actionis” (em hebraico: “makor” e “shem hapeulá”) O autor apresenta exemplos e cita estudos provando que no hebraico bíblico estas formas serviram à mesma função. Entretanto, com o desenvolvimento da língua, estas formas começaram a diferir uma da outra. Ben Asher apresenta uma lista destes casos e conclui que no hebraico moderno há diferenças sintáticas claras entre estas formas.

Em *Fonética e o ensino de uma segunda língua*, Asher-Laufer mostra que, como a fala é o mais importante fator em qualquer língua moderna e como toda língua tem seu próprio sistema de som, seu próprio ritmo e sua própria entonação, um conhecimento da fonética articulatória pode tornar o estudo de uma segunda língua mais fácil e mais acurado. O estudante, ao aprender uma segunda língua, deve romper hábitos que seguiu desde a infância. Somente um professor com conhecimento de fonética pode ensiná-lo a usar cordas vocais, sua língua, seus lábios e o resto de seu aparelho fonador de uma maneira diferente à que ele usa ao falar sua língua natal.

Além disto, o artigo sugere a preparação do material de ensino de acordo com as línguas de origem dos estudantes. Assim, os exercícios recomendados para um americano estudando hebraico devem ser diferentes daqueles recomendados aos russos ao estudarem a mesma língua.

Em *“As colocações no hebraico moderno”* Rachel Landau analisa a colocação, “a junção de um verbete léxico a uma série restrita de itens” através de muitos exemplos do hebraico moderno e mostra os diferentes aspectos.

Em "*Transparência lingüística e psicolingüística no hebraico moderno*", Raphael Nir sugere uma distinção entre "transparência linguística", que é um fato objetivo e "transparência psicolingüística", que é um fenômeno subjetivo e que deve ser considerado como parte da competência específica do falante.

Muitas palavras são motivadas a partir de um ponto de vista lingüístico, mas são completamente "opacas" para os falantes que não estão cientes de sua motivação.

A importância prática desta distinção é corroborada por alguns dos problemas com os quais se confrontam os estudiosos de uma segunda língua. A primeira preocupação do professor é com o tipo de transferência psicolingüística. Quando a formação lingüística de seus alunos não lhes permite "ver através" de certas palavras, ele deve prestar atenção especial às suas aquisições. Um grupo que causa dificuldades especiais aos estudiosos de uma segunda língua é o das expressões idiomáticas. Apesar de alguém poder argumentar que a maior parte destas combinações é semanticamente motivada, o autor acredita, que, de um ponto de vista psicolingüístico, apenas poucas delas são transparentes isto é, naqueles casos onde uma modificação semântica que causou o "significado idiomático" é óbvio ao estudioso.

"Sobre a Elipse: abreviação através da supressão do "Construct State" (hanismach) de Dov Sadan.

O autor trás um número de exemplos principalmente da poesia idiche e hebraica do uso da elipse em vez da expressão completa. Este artifício sintático é usado por autores reputados conforme a exposição de Dov Sadan.

Em "*Renascimento da fala hebraica e o Estilo de Jerusalém*", Reuven Sivan relata sobre o renascimento do hebraico falado, em Israel, por volta do fim do século passado e aponta as diferenças surgidas entre o hebraico falado e o estilo do hebraico escrito daquela época.

"O Problema de Supleção no ensino da segunda língua" de Ben-Zion Fischler.

O uso de exercícios-modelo no ensino de uma segunda língua frequentemente leva à formação de modelos por analogia, que na língua visada são substituídos pela supleção com modelos excepcionais ou substituições imprevisíveis.

O autor chama a atenção ao uso desses exercícios que frequentemente levam à formação de modelos por analogia. Fischler sugere que o material de exercícios seja cuidadosamente preparado para evitar "induzir" o aluno a derivar modelos não existentes, embora logicamente corretos. Ele cita muitos exemplos esclarecedores e sugere o desenvolvimento de material de ensino da língua que leve em conta estes problemas.

"Da Frequência de Letras e Fonemas no Hebraico Moderno e Bíblico" de Jehuda T. Radday e Haim Shore.

Os autores fazem um estudo que visa examinar, medir e verificar quantitativamente, de maneira exata, a afinidade entre o hebraico bíblico e o moderno, levando em conta apenas o sistema consonantal.

Em “*O ensino da inflexão do verbo hebraico — motivantes morfológicos e transições ordenadas*” Haiim B. Rosen toma como ponto de partida do seu estudo a afirmação de Bloomfield (Language 28) de que algumas formas de um paradigma inflexionado devem ser preferivelmente tomados como básicos a fim de evitar uma descrição complicada e indevida.

Rosen recomenda neste artigo uma seqüência de formas verbais inflexionadas do hebraico moderno e que não têm conexão com a estrutura da língua como tal. O princípio básico é o da economia, tentando permitir ao aluno que adquira o número máximo de formas verbais em cada estágio, com o número mínimo de “regras” a serem retidas em cada passo de transição a uma nova entidade morfológica. A seqüência didática sugerida começa com as formas imperativas com sufixo e o autor expõe as bases teóricas desta recomendação.

Em “*O papel do árabe nas inovações de vocabulário*”, de Elizer Ben Yehuda Jonathan Shunnary apresenta um estudo histórico a respeito do interesse de Eliezer Ben Yehuda, o inovador do hebraico moderno, pelo idioma árabe. Ben Yehuda desenvolveu uma teoria de que o árabe clássico preservou muitos radicais e palavras que também existiram no hebraico, mas que acidentalmente não se encontram nos vestígios literários do hebraico. Sugere o árabe como fonte para a ampliação do vocabulário hebraico. Suas teorias foram bastante criticadas e o autor deste estudo analisa documentos da época.

“*Uma sugestão para o ensino da sintaxe hebraica*” de Itzchak M. Schlesinger.

Neste artigo é salientada uma abordagem para o ensino da análise da estrutura de superfície da sentença hebraica, e é ilustrada com detalhes para o ensino de algumas das principais partes da sentença simples, tais como sujeito, predicado e objeto direto. É mostrado como estes elementos podem ser ensinados pelo uso do critério formal, e como, subseqüentemente, a estrutura de superfície pode ser ligada com as relações semânticas expressas na sentença. O método pode ser empregado em escolas elementares.

O volume contém, inda uma relação das publicações do Professor Chaima Rabin.

RIFKA BEREZIN

* * *

*